



O ANTIGO EGÍPTO E SEUS

CMG (Ref-FN) Jaime Florencio de Assis Filho

O Egito desperta, ainda, a curiosidade da humanidade, haja vista os recorrentes questionamentos, sem respostas, sobre hábitos dos seus antigos habitantes, em particular, nas crenças e adoração a deuses, em diferentes regiões e capitais religiosas. Seu passado ficou desconhecido por milhares de anos, basicamente pela ausência de registros em linguagem de uso comum e de fontes de referência, contrapondo-se em relação à Grécia Antiga, pelos escritos de autores como Hesíodo e Homero.

Esses temas fazem parte da mitologia egípcia. Porém, o entendimento de suas divindades é bastante complexo, visto que, ao contrário dos greco-romanos, surgem, desaparecem e retornam em tempos distintos na imensidão do território egípcio.

Histórico^[1]

Os habitantes do Egito Antigo (5500 a 525 a.C.) eram politeístas, isto é, veneravam várias deidades. A religião preponderava em todas as suas atividades, principalmente para o entendimento dos fenômenos da natureza, como o nascer e o pôr do Sol. Eles viviam em unidades territoriais chamadas de nomos, sistema empregado nessa época que, historicamente, é dividida nos Períodos Pré-Dinástico (surgimento das primeiras comunidades) e Dinástico (era dos faraós). Para uma maior compreensão deste artigo, faremos uma digressão, abordando o Período Dinástico, subdividido em três

fases: Antigo, Médio e Novo Império, separadas entre si por intervalos de tempos de instabilidades no país, nominados de Períodos Intermediários.

Os reinos do Alto e Baixo Egito foram unificados em 3100 a.C., após as batalhas vencidas por Narmes, Rei do Alto Egito, que deu início ao Período Dinástico, integrado por 30 dinastias de faraós, que se estendeu até 332 a.C., cada uma composta por vários reis – os faraós. Ao final, o país passou por uma era de dominações persas e gregas e pelo chamado Período Ptolemaico, dinastia helenística, que findou em 30 a.C.,



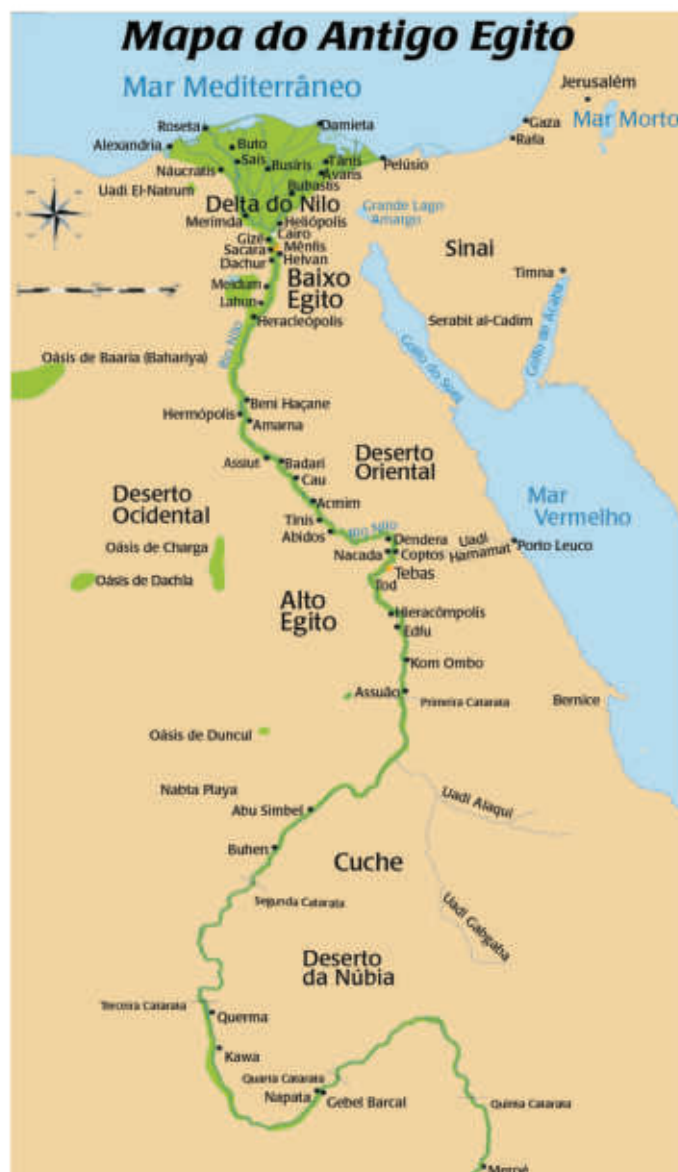
O EGITO DEUSES

cujo primeiro faraó, Ptolomeu I, escolheu a cidade de Alexandria como capital. Nessa época emergiram as rainhas Cleópatra, das quais a mais conhecida pela história é Cleópatra VII.

Os ptolemaicos mantiveram-se no poder mesmo após a conquista pelos romanos, porém, a partir de 30 a.C., o Império Romano transformou o Egito em uma de suas províncias. Segue-se o Período Bizantino (continuação do Império Romano) até a conquista muçulmana (século VII d.C.), que perdura até nossos dias.

Na Época Tinita, ou Dinástico Precoce (I e II dinastias), a capital foi Tinis e, posteriormente, Mênfis, no Baixo Egito. Ao período compreendido entre as III e VI - de 2700 a 2190 a.C., deu-se o nome de Antigo Império, marcado por faraós que iniciaram a construção de pirâmides para servir de túmulos, como as pirâmides de Gizé – Quéops, Kefren e Miquerinos. Antes dessas construções, os reis foram sepultados em túmulos chamados de Mastabas, a maioria localizada em Sakara, região que serviu como necrópole de Mênfis.

Passados muitos anos, o Rio Nilo sofreu uma grande estiagem, provocando secas intensas, fome e conflitos. A anarquia e a desagregação territorial fizeram com que os faraós entrassem em decadência dando início ao Primeiro Período Intermediário (VII a XI dinastias).



Em 2055 a.C. teve início o Império Médio, quando o Faraó Mentuhotep II preocupou-se em recuperar a estabilidade perdida, a prosperidade e o restabelecimento da unidade nacional. Ele extinguiu o sistema hereditário dos nomarcas – dirigentes do nomos, alvo de crises no passado, e expandiu as fronteiras sul até a Núbia. Seus descendentes deram continuidade ao progresso mas, ao final da XIII dinastia, os Hicsos^[2] aproveitaram-se da decadência do poder de Mênfis e ocuparam o delta do Nilo, fundando a XV dinastia^[3], iniciando o Segundo Período Intermediário. O poder faraônico passou para um povo invasor que adotou Aváris, no baixo Nilo, como sua capital. Por volta de 1640 a.C. surgiu em Tebas uma nova linhagem de soberanos (XVII dinastia), convivendo em paralelo com a dos Hicsos, com quem dividiram o poder e cuja influência se dava na região entre Abidos e Elefantina. A expulsão dos invasores, com a conquista de Aváris (Rei Amósis I), determinou o começo do Império Novo, com a XVIII dinastia (1550 a.C.).

O Império Novo caracterizou-se pela volta do poder aos faraós. A capital foi transferida para Tebas durante o ciclo de Amenófis I. Nessa Era emergiu Ramsés II – o Grande, o mais famoso dos faraós, que governou por 66 anos, deixando como legado vários templos, estátuas e obeliscos. Os faraós passaram a ser sepultados no Vale do Reis, em Tebas, por entenderem que as pirâmides não proporcionavam mais segurança contra saqueadores.

Ao final do reinado de Ramsés XI, da XX dinastia (1070 a.C.), teve início o Terceiro Período Intermediário. Daí em diante começou um processo de decadência, quando a unidade do país se desfez em face das lutas internas, proporcionando o surgimento de vários faraós contemporâneos em diversas regiões. Emergiram várias castas estrangeiras até o fim do Antigo Egito.

Como se obteve conhecimento sobre a mitologia egípcia?

A religião no Antigo Egito envolveu um conjunto complexo de crenças e rituais, nem sempre adotadas em toda a vastidão do país, pois diferiam entre si. Entretanto, à exceção de uma pequena janela de tempo de monoteísmo na XVIII dinastia (Faraó Akhenaton ou Amenófis IV), nos demais os egípcios foram sempre politeístas. Mas como chegamos a saber desses fatos?

Há pouco mais de um século, escavações arqueológicas revelaram riquezas, que os depósitos aluviais

decorrentes das enchentes do Nilo e o movimento das areias desérticas encobriram por milhares de anos. O material encontrado no interior das pirâmides, as descobertas de tumbas dos faraós e suas rainhas em Tebas, contemplando gravuras e sinais existentes na maioria de seus templos, espalhados por todo o país formaram a base para se desvendar como viviam os egípcios daquela época.

Todavia, a simples observação de símbolos e formas de escritas, como os hieróglifos^[4], não permitiu chegar-se a nenhuma informação, pois era necessário decifrá-los de modo a obter-se a transcrição dos fatos ocorridos nos milênios de civilização egípcia. Percebe-se que as teorias, ora existentes, sob o modo de viver desse povo, fundamenta-se, também, na interpretação de diversos outros achados arqueológicos. As pesquisas continuam e muito ainda haverá a se descobrir para clarear uma série de dúvidas, até então existentes.

Em 1799, durante uma expedição militar francesa no Egito, liderada por Napoleão Bonaparte, foi encontrado, na cidade de Roseta, um bloco granítico negro, provavelmente originário do Período Ptolemaico, contendo três inscrições em diferentes linguagens. Com a derrota francesa, em 1881, para os otomanos e britânicos, a chamada Pedra de Roseta ficou sob posse do Reino Unido e, atualmente, está exposta no museu britânico, em Londres.

A decifração dos dados contidos no granito só foi possível décadas depois, com o anúncio de Jean François Champollion, que percebeu que os três textos tinham o mesmo significado em: egípcio hieroglífico (caracteres usados como escrita), egípcio demótico e grego antigo. Duas outras descobertas posteriores, inscritas em placas calcárias – os Decretos de Canopo (238 a.C.) e de Ráfia (217 a.C.) –, contribuíram, sobremaneira, para uma maior compreensão dos hieróglifos. A partir de então, foi possível um levantamento parcial, sobre a forma de viver dos egípcios nos diversos campos do poder. Com o crescente interesse dos pesquisadores por esses assuntos, nasceu a egiptologia.

Em 1881, o egiptólogo francês Gaston Maspero descobriu no interior da pirâmide de Unas, localizada em Sakara, inscrições depois nominadas de Textos das Pirâmides, trazendo à luz um repertório de informações, a partir das gravuras nas suas paredes (a partir da V dinastia), relativas às fórmulas mágicas, orações, feitiços, rituais fúnebres e cerimônias religiosas para amparar o faraó na sua caminhada pela morte até a vida no além. Outras fontes com os mesmos propósitos são os

Textos dos Sarcófagos¹⁵ que, juntos aos primeiros, formam a base para o Livro dos Mortos¹⁶. Com base nas descobertas anteriormente apresentadas, formulou-se uma lista de muitas das divindades egípcias e suas competências.

Deuses egípcios

Apresentavam-se de várias formas: ora tinham corpo e cabeça humanos; ora uma simbiose de humanos com animais; e por fim, corpo integral de compleição animal.



Os deuses do panteão egípcio foram cultuados em diferentes épocas da história, sendo que alguns até tiveram seus nomes, aparências e dominâncias alterados.

Existiram vários centros religiosos, sendo um dos mais importantes o de Heliópolis (Reino Antigo). Outros surgiram em Hermópolis (cidade do deus grego Hermes – Alto Egito), Mênfis, Tebas e na Ilha Elefantina. Dessas cidades emanaram cosmogonias¹⁷ próprias, sobre a origem do universo. Lembra-se que, apesar da presença de divindades cultuadas por todo o país, muitas cidades tinham a sua protetora.

A de Hermópolis fundamentava-se na existência de quatro divinos casais – o Panteão de oito deuses – que atuavam de forma coletiva, sendo conhecido por “Ogdóade de Hermópolis” composta por: Nun (ser subjetivo – o caos, o oceano, de onde tudo vem) e sua esposa Naunet; Heh (o infinito) e Hehet; Keh (as trevas) e Kauket; e Amon (o oculto, o ar) e Amaunet.

Na versão da criação do deus Rá (o Sol) – o criador do mundo – ele surgiu de um ovo, possivelmente de um ganso, falcão ou íbis, deixado numa ilha, onde mais tarde surgiria Hermópolis. Essas divindades, em uma das citações de egiptólogos, apresentavam-se com

cabeças de rã (masculinos) e de serpente (femininas).

Em Mênfis (primeira capital até o Primeiro Período Intermediário), centro político e religioso, a veneração era para o deus Ptá (ou Ptah), integrante de uma tríade familiar formada por ele, sua esposa Sacmis (ou Sekhmet) e o filho Nefertum. Essa teologia tem um link à Pedra de Xabaca, onde o faraó que deu a ela o seu nome (século VII a.C.) mandou gravar o conteúdo de um papiro encontrado no templo de Ptá, em Mênfis, hoje uma cidade em ruínas. Trata-se de uma laje granítica, de propriedade do museu britânico, onde estão gravados hieróglifos com a teologia Menfita, elaborada por sacerdotes de Mênfis, onde Ptá é descrito como o todo poderoso, criador do mundo e das demais deidades, a principal divindade de Mênfis e seu patrono. A antiga necrópole de Mênfis é a atual área de Sakara, a 30km ao sul do Cairo.

Com referência a Tebas (onde hoje se encontra Luxor), as citações nos remetem ao Império Novo (1550 a 1070 a.C.), início da XVIII dinastia, quando passou a ser a capital religiosa e política, florescendo nos períodos das XVIII, XIX e XX dinastias. Lá existiu a Tríade Tebana (uma espécie de sagrada família), constituída por Amon¹⁸ (rei dos deuses e mais tarde Amon-Rá), sua esposa Mut (deusa mãe) e seu filho Khonsu (deus da Lua). A Tríade foi venerada por muitos anos, diminuindo a sua popularidade quando da decadência de Tebas e do próprio Egito, no início do Terceiro Período Intermediário. Ali foi construído um complexo de templos, erguido ao longo de 1.500 anos – Karnak – o principal santuário dedicado à Tríade, onde se encontram, também, templos dedicados a Amon-Rá e Ptá, capelas de Osiris e estátuas de outras divindades. No reinado de Akhnáton, ele destronou todas as deidades e sacerdotes para adoração única a Áton, transferindo o centro religioso para Amarna, de pouca duração.

Na faixa oeste do Rio Nilo, próximo a antiga Tebas, está localizado o Vale dos Reis, onde foram enterrados, em criptas construídas nas montanhas, alguns faraós dos Segundo Período Intermediário e de todo

o Império novo. Na mesma região encontram-se o Vale das Rainhas e o templo de Hatshepsut – faraó mulher (XVIII dinastia). A cidade foi alvo de saques por assírios e romanos em eras distintas. Montu é a deidade local – o Senhor de Tebas (XI e XII) – deus da guerra, representado sob a forma de um touro ou de um falcão, com menções ao Antigo Império. Eclipsado por Amon, na era ptolemaica virou Montu-Rá.

Outra cosmogonia é a de Elefantina, ilha do Nilo situada frente à Assuan, no Alto Egito. Aqui também foi endeusada uma Tríade da Sagrada Família, constituída por Quenúbis (cabeça de carneiro) – criador do ser humano e responsável pelas enchentes desse rio –, pela sua esposa Sátis e por sua filha Anúquis (o elemento água). Neste local foram encontrados vestígios da era egípcia, da greco-romana, dos gregos e até judaica, que ali se fixaram no período da XXVI dinastia.

A mais importante das cosmogonias do Antigo Egito foi a Enéade de Heliópolis, nome de origem grega, constituída por nove divindades, que bem retratam a origem do universo. Atum surge como o primeiro deus e ao criar o Sol (Rá) une-se a ele tornando-se Atum-Rá. Em um ato de tosse expeliu Shu (deus do ar) e Tefnut (da chuva). Estes relacionaram-se dando origem a Geb (a Terra) e Nut (o céu).

Do encontro do céu, fator feminino (F) para os egípcios, com a Terra, fator masculino (M), surgiram dois casais de filhos, que completam a enéade: Osiris (M) e Isis (F); e Seth (M) e Néftis (F). Iniciou-se, assim, a mais fantástica descrição dessas entidades mitológicas. Osiris toma a irmã Isis por sua esposa. Néftis metamorfoseando-se e passando por Isis, em relacionamento carnal com Osiris gera Anúbis – o chacal – uma mescla de homem e cão ou, às vezes, totalmente representado por esse animal.

Seth, o senhor do deserto, do caos e das trevas, por saber da traição da esposa Néftis e movido por ciúmes matou Osiris, esquartejando-o e lançando os fragmentos de seu corpo ao Nilo, assumindo o lugar e o poder deixado pelo irmão. Isis (a protetora) com a

ajuda de Néftis recolheu e reuniu os pedaços do corpo unindo-os e o enfaixando, no que contou com a colaboração de Anúbis. Assim, o seu grande amor foi ressuscitado e com ele, mais tarde, gerou Hórus (representado por um falcão), de quem descendem os faraós, sendo ele o seu protetor. Este, ao saber do crime de seu tio, iniciou uma disputa longa e ferrenha para se vingar e



recuperar o poder retirado do pai.

Ainda, segundo a mitologia, Osiris teve o seu corpo recuperado durante um ritual fúnebre quando foram usadas faixas de tecido e, por esse motivo, passou a ser considerado a primeira múmia, seguindo depois para o mundo dos mortos. Anúbis, por sua vez, ganhou o epíteto de primeiro embalsamador, deixando de ser o senhor do submundo, que passou a ser exercido por Osiris. Anúbis tornou-se o responsável em transportar

os espíritos dos mortos para o local onde presidia o ritual de julgamento sobre a vida dos falecidos. O procedimento era simples: com o uso da balança de Osiris, colocava-se de um lado o coração do morto e do outro a pena da verdade – de um avestruz (símbolo de Maat – deusa da verdade e da justiça). Se a balança pendesse para o lado do coração, era sinal de

que a vida do julgado estava repleta de maldades e seu corpo era entregue a Ammit – criatura demoníaca conhecida por ser devoradora de almas ou de corações; caso contrário, o finado era conduzido até Osiris, que o encaminhava para a vida após a morte. Com base nesta teoria, os sacerdotes egípcios passaram a usar máscaras de Anúbis durante os rituais fúnebres. ■

Finalizamos relacionando outras divindades cultuadas pelo povo do Antigo Egito.

Nome	●●● Características ●●●	Apresentação	●●● Cidade de culto
Hathor	Esposa de Hórus e guardiã das mulheres - deusa das grávidas. Corpo feminino com cabeça de vaca ou inteiramente uma vaca.		
Bastet	Deusa símbolo da boa sorte, representada sob a forma de um gato.		
Thoth	Deus da morte, da escrita, da sabedoria, da cura e patrono dos escribas. Responsável pelo emprego dos hieróglifos. Corpo masculino com cabeça do pássaro íbis ou de babuíno.		
Neith	Deusa da guerra e da caça. Pré-Dinástico. Normalmente uma mulher com coroa vermelha e escaravelho.		
Khepri	Variante de Rá na criação de Shu e sua esposa Téfnis. Corpo masculino com cabeça de escaravelho.		
Seshat	Associada à astronomia, arquitetura e matemática. Mulher vestida com roupa de leopardo. Antiga deidade do delta do Nilo. Período Tinita.		
Sobek	Corpo masculino com cabeça de crocodilo. Aliado a Seth e cultuado em Tebas.		
Apófis	Senhor do caos. Representado por uma serpente gigante.		
Sokar	Deus do artesanato. Deus falcão da necrópole de Mênfis.		
Nekhbet	Representada por um abutre. Culto no Alto Egito.		
Hapi	Personificava as águas do Nilo durante as inundações. Corpo masculino com ventre proeminente e seios, vestindo a cinta dos pescadores.		
Bes	Senhor do prazer e da alegria, o bobo da corte. Anão gordo e barbudo.		

Notas:

[1] As datas aqui citadas e nomes de faraós e deuses (ora escritos em grego ora em egípcio) são divergentes, conforme as fontes analisadas.

[2] Povo semita asiático que invadiu a região oriental do Delta do Nilo durante a décima segunda dinastia no Egito, a procura de áreas férteis. Desenvolveram um forte poderio militar.

[3] A XIV dinastia existiu, por um certo período, simultaneamente com a XIII.

[4] Proveniente do grego antigo hieros de sagrado e *glyphen* de gravar, portanto, escrita sagrada, de conhecimento dos sacerdotes e dos escribas.

[5] De caráter funerário, foram empregados a partir do Primeiro Período Intermediário e no Reino Médio, não mais exclusivos aos faraós.

[6] Coletânea de textos e hinos religiosos do Antigo Egito escritos, em sua maior parte, em rolos de papiros e colocados ao lado das múmias. Estão associados ao Antigo Império (da V a VIII dinastias) e tinha as mesmas funções dos Livros das Pirâmides.

[7] Trata-se de um conjunto de doutrinas e princípios (religiosos, míticos ou científicos) que se propõem a explicar a origem, o princípio do universo, criando as suas diferentes mitologias. É uma forma de

explicar o que parece inexplicável.

[8] Amon já era um deus de Tebas adorado desde a XII dinastia, passando a ser mais importante nas que constituíram o Reino Novo – XVIII a XX.

Referências:

CARPICECI, Alberto Carlo. Egito, 5.000 mil años de civilización. Casa Editrice Bonechi, Florença – Itália.

Antigo Egito, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Antigo_Egito. Acesso em 02 de junho de 2020.

Onze Principais deuses do Egito, disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/11-principais-deuses-egipcios-e-quem-eles-foram-na-mitologia/>. Acesso em 05 de junho de 2020.

Livro dos mortos <https://antigoegito.org/livros-dos-mortos-livros-do-sair-a-luz/>. Acesso em: 07 de julho de 2020.

Ogdóade - disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ogd%C3%B3ade>. Acesso em: 07 de julho de 2020.

Montu - disponível em: <https://www.fascinioegito.sh06.com/montu.htm>. Acesso em: 07 de julho de 2020.